

# Madrigal Cruz Lopes faz concerto de Natal

Missa de Ação de Graças fecha a temporada 2024 do Música no Museu

**N**este domingo, 22 de dezembro às 12hs com a missa em Ação de Graças na Igreja da Glória do Outeiro pelos seus 27 anos ininterruptos, Música no Museu traz o Madrigal Cruz Lopes encerrando a sua versão 2024. Foram mais de 230 concertos gratuitos que se juntaram aos milhares de outros realizados nesta sua trajetória registrando um público superior a 1,2 milhão de pessoas nos mais lindos espaços culturais e turísticos não só do Rio de Janeiro como também do Brasil de norte a sul e na sua versão internacional em cidades de países de todos os continentes levando a música e os músicos brasileiros para o exterior.



Divulgação

*Madrigal Cruz Lopes participa da missa que fecha o projeto em 2024*

Patrimônio Cultural Imaterial do Estado e da Cidade do Rio de Janeiro, o Música no Museu é considerado a série de música de concerto mais longeva do Brasil e que no seu

seio trouxe os maiores autores mundiais nos vários ritmos desde a música antiga, clássicos europeus até a nossa música contemporânea na interpretação dos nomes mais

destacados da nossa música clássica ao lado de seus jovens talentos como um processo de renovação um dos focos do projeto além de orquestras de inclusão social desenvolvidas nas Comunidades visando, também, a ampliação da plateia de consumidores de música clássica.

O Madrigal Cruz Lopes, criado em 6 de novembro de 2002 sempre sob a regência do Maestro José Machado e junto com a Camerata A4, nos seus 23 anos de atividades, tem sido parceiro de Música no Museu que na sua programação privilegia, a cada mês, um tema ou um naipe e nestes se incluem pianos, cordas, percussão e voz além das harpas (RioHarpFestival na sua 20ª versão em 2025) e sorpos (RioWindsFestival na 15ª. versão também em 2025) que convivem com as comemorações de datas redondas dos maiores compositores mundiais.

Na programação, músicas sacras e natalinas encerrando com a Ave Maria e Noite Feliz.

Mas Música no Museu não pára e já no início de janeiro começa a sua temporada 2025 no mesmo modelo das versões anteriores.

Toda a nossa programação e informações estão nos sites [www.musicanomuseu.com.br](http://www.musicanomuseu.com.br) e [www.rioharpfestival.com.br](http://www.rioharpfestival.com.br).

NOSSO ARTICULISTA COMENTA O FESTIVAL DE CHORO JAZZ DE JERICOACARA, NO CEARÁ

Por **Aquiles Rique Reis\***

Eis que na primeira segunda-feira de dezembro, Nilza e eu estávamos num avião no prumo de Jericoacoara, no Ceará. Viajamos a convite de Antonio Ivan Capucho, idealizador e curador do Festival Choro Jazz. Já em sua 15ª edição, com patrocínio da Petrobras, o evento tornou-se itinerante, reunindo músicos de várias partes do Brasil e do mundo para participarem de shows e oficinas em Soure, na Ilha do Marajó (PA); no Crato, no Cariri; em Fortaleza, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura; e em Jeri.

Nossa segunda vez em Jeri: a primeira foi há exatos dez anos. À época, todos os músicos convidados descemos no aeroporto de Fortaleza, onde um ônibus nos aguardava para viajarmos até o município de Jijoca de Jericoacoara. Lá nos dividimos em caminhonetes 4x4, capazes de cruzar o Parque Nacional de Jeri. Anoitecia. Guiadas por conhecedores da região, as jardineiras subiam e desciam as dunas nos faziam sentir como aventureiros a sacolejar, sem entender direito como os motoristas se orientavam para cruzar o caminho, já que era tudo “apenas” areia no chão e estre-

## O festival dos festivais

Aquiles Rique Reis



*O público acompanha as apresentações na praça da cidade*

las no céu. Chegando em Jeri... vento, muito vento! Foi inevitável constatar: é aqui que o vento faz a curva.

Em 2024, pousamos direto no aeroporto de Cruz, município próximo de Jijoca, quando um carro 4x4 conduziu a gente e o violonista Lula Galvão por 35km, até a Vila de Jericoacoara. Chegamos!

A cada dia, de terça a domingo (de 3 a 8/12), foram três shows na praça. Durante o

dia rolavam as oficinas para os jovens da comunidade e os que vieram de outras cidades, inclusive do exterior. Tudo grátis!

Todas as noites, sentávamos em frente ao palco na pracinha de Jeri. Logo na primeira, vieram ao palco o contrabaixista Jorge Helder e o violonista Lula Galvão, que tocaram de Villa-Lobos a Pixinguinha. Até que no domingo rolou a homenagem do festival a Lia de Itamaracá, que realizou um show que

consagrou a ciranda, gênero tipicamente nordestino.

Na oficina de choro do violonista Maurício Carrilho, eu o ouvi dando dicas a Amélia, uma menina clarinetista de Jijoca. Carrilho a instigava a tocar um choro do Jacob... sua lição de casa. Amélia deu o melhor de si. E dois dias depois, lá estava ela assistindo ao show de O Trio, grupo formado por seu professor Carrilho no violão de sete, Pedro Amorim no bandolim e Paulo Sérgio Santos no clarinete. Ao final, Amélia subiu num banco e aplaudiu de pé. Tive vontade de subir na cadeira e me juntar a ela... melhor não, pensei.

Sob às bênçãos de Jeri, músicos curtiram os colegas que tocavam. A plateia os ouvia e todos se entreouviam, em irreprimível sintonia libertária e democrática. O Festival Choro Jazz concluía sua missão de levar cultura e música a todos.

PS. Saúdo os realizadores Antonio Ivan Capucho (idealizador e curador do Festival), Aline de Moraes (produtora da Iracema Cultural), Pedrinho Figueiredo (som), Pedro Altman (luz) e Dalwton Moura (assessor de imprensa).

**\*Vocalista do MPB4 e escritor**